

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)

Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa

INCLUSÃO NA INCLUSÃO:

a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)

Resumo: O presente trabalho busca refletir sobre a formação docente, as possibilidades e os desafios da prática em contextos educacionais inclusivos, caracterizando os elementos constitutivos da inclusão do aluno com deficiência dentro da modalidade da Educação de Jovens e Adultos, resultando em uma espécie de “inclusão dentro da própria inclusão”. Metodologicamente trata-se de um estudo exploratório, que foi desenvolvido com o uso de entrevista semiestruturada, alicerçado nos pressupostos teóricos de Paulo Freire. Foi desenvolvido em duas escolas dos municípios de Ponta Grossa e Irati, ambas do Estado do Paraná, e potencializou o entendimento de como as práticas de ensino possuem significado para seus participantes a partir da incorporação das concepções contemporâneas da formação do profissional, da inclusão escolar e da EJA. Os resultados apresentados demonstram diálogo com o referencial teórico que subsidia este estudo, evidenciando que fatores como mudança de materiais, adaptação dentro do contexto escolar e outras mudanças objetivas são tão importantes e necessárias quanto a afetividade e a dimensão subjetiva dos docentes.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Inclusão; Formação Docente.

“INCLUSION IN INCLUSION: THE INSERTION OF STUDENTS WITH DISABILITIES IN YOUTH AND ADULT EDUCATION - A COMPARATIVE STUDY OF TWO MUNICIPAL SCHOOLS IN PONTA GROSSA AND IRATI (PR)

Abstract: The present work seeks to reflect on teacher education, the possibilities and challenges of practice in inclusive educational contexts, characterizing the constituent elements of the inclusion of students with disabilities within the Youth and Adult Education modality, resulting in a kind of “inclusion within inclusion itself”. Methodologically, this is an exploratory study, which was developed with the use of semi-structured interviews, based on the theoretical assumptions of Paulo Freire. It was developed in two schools in the municipalities of Ponta Grossa and Irati, both in the State of Paraná, and enhanced the understanding of how teaching practices have meaning for their participants through the

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)

Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa

incorporation of contemporary concepts of professional training, school inclusion and of EJA. The results presented demonstrate a dialogue with the theoretical framework that supports this study, showing that factors such as change of materials, adaptation within the school context and other objective changes are as important and necessary as the affectivity and the subjective dimension of the teachers

Keywords: Youth and Adult Education; Inclusion; Training.

1 Introdução

O movimento da inclusão escolar no Brasil pode ser considerado ainda recente e tem como um dos eixos de seu marco regulatório a Constituição Federal de 1988. A partir daí, sob a ótica da “Educação, direito de todos”, a inclusão não serve mais ao paradigma tradicional da educação, pois ao se pensar em inclusão, exige-se uma ruptura com o modelo tradicional de ensino, necessitando de uma transformação que coloque em destaque o aluno como sujeito do processo, ao se perceber que mesmo não possuindo deficiência aparente, cada um tem limites, necessidades e potencialidades diferenciadas, e é aí que se sustenta a discussão deste estudo ao entender que tanto a EJA (Educação de Jovens e Adultos), quanto o trabalho com alunos com deficiência encontra nesta afirmação a sua égide.

Este fato nos remete a uma realidade que não pode ser ignorada: o desafio de formar professores qualificados para tanto. A formação profissional destaca-se como um tema crucial dentre as políticas para a educação, pois os desafios colocados à escola exigem do trabalho educativo um patamar superior ao existente hoje. Evidências vêm revelando que a formação que se dispõe hoje não tem sido suficiente para o sucesso escolar, e apresenta dificuldades na participação social em um mundo cada vez mais exigente. Trata-se, agora, da formação de profissionais competentes, “minimamente” preparados para enfrentar estes ditames, pois,

[...] a nova realidade exige qualificações cada vez mais elevadas para qualquer posto de serviço, tomando as necessidades educacionais das populações cada

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)

Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa

vez maiores. Quem não acompanhar as mudanças tecnológicas, prematuramente estará inabilitado para o trabalho. (FERREIRA, 1998, p. 27)

As diferentes reformas educacionais ocorridas no contexto atual reforçam a necessidade de repensar essas práticas desenvolvidas nos ambientes escolares diante das novas exigências, já que estes têm sido lugares que pessoas transitam com as mais variadas formas de ser, pensar e agir. Sendo assim, não há como ignorar essas variações e cada vez mais buscar promover aprendizagem significativa diante das diferenças culturais e sociais presentes no contexto escolar.

Nesse sentido, em suas várias modalidades de ensino, a educação sempre esteve e estará ligada a um propósito para com aqueles a quem será direcionada, o que cabe, também, quando nos referimos a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A EJA apresenta-se como uma modalidade de ensino cujo objetivo é permitir que pessoas que não tiveram acesso ou oportunidade de frequentar a escola na “idade convencional”, possam ter uma oportunidade para recuperar esta defasagem na formação. A própria Lei de Diretrizes e Bases (LDBEN 9394/96) garante isso em seu Artigo 37, quando estabelece que: “*A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria*”.

Para enfrentar os processos excludentes que marcam os sistemas de educação ao longo da história, se faz necessário, segundo Aranha (2000, p. 9), “o repensar de várias áreas e momentos da atuação do professor: na promoção do acesso ao currículo, nos objetivos de ensino, no conteúdo ensinado, no método de ensino, no processo de avaliação ou na temporalidade” desses educandos que chegam até a escola.

No entanto, se torna importante destacar o papel que a individualidade, a subjetividade e a especificidade presentes nesse contexto ocupam e que tornam o processo de aprendizagem mais complexo e desafiador perante o aluno com características e necessidades específicas, principalmente em nosso caso, que abarca a experiência de um aluno com deficiência dentro da

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)

Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa

EJA, o que se caracteriza, portanto, como uma espécie de “inclusão dentro da própria inclusão”. Aranha (2000, p.7) afirma que:

[...] cada aluno tem peculiaridades específicas e especiais, e que para atendê-las temos, às vezes, que fazer ajustes e adaptações no currículo regularmente proposto para os diferentes níveis da escolaridade, de forma a garantir as condições (respostas educacionais) que lhes são necessárias para acessar o conhecimento [...]

Diante disso, pensar a educação em uma perspectiva inclusiva enfatiza, dentre outros aspectos, que os sistemas de ensino devem respeitar e atender às necessidades educacionais das pessoas historicamente excluídas por sua classe, etnia, gênero, idade ou deficiência. Ou seja, um sistema educacional inclusivo requer uma escola que esteja aberta e preparada para responder educacionalmente a todos que a procuram.

Assim, essa pesquisa descritiva busca refletir acerca da formação docente em contextos educacionais inclusivos na EJA, com o propósito de caracterizar os elementos constitutivos das ações realizadas com relação à inclusão do aluno com deficiência, bem como identificar os desafios no atendimento deste mesmo aluno na Educação de Jovens e Adultos.

2. Sobre o método

A metodologia da pesquisa compreendeu procedimentos de revisão de literatura e trabalho de campo de caráter exploratório, pois, fazendo uso da definição de Gil (2002, p.41) para aclarar o propósito desta escolha, entendemos que

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torna-lo mais explicitou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias (sic) ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

O mesmo autor, prossegue citando Selltiz (et. al., 1967, p.63 *apud* GIL, 2002, p.41) e esclarece: “Na maioria dos casos, estas pesquisas envolvem: a) levantamento bibliográfico; b)

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)*Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa*

entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e c) análise de exemplos que ‘estimulem a compreensão’”. Portanto, o trabalho se desenvolveu por meio de entrevista semiestruturada, procurando interpretar o processo e construir compreensões teóricas mais elaboradas relacionadas à formação e à atuação do profissional da Educação Básica, à prática pedagógica nas escolas da EJA e à inclusão escolar.

Nessa perspectiva, o trabalho se pautou no estudo e incorporação das concepções contemporâneas da formação desse profissional incluído – e que inclui – na EJA, pautado, portanto, por um duplo debate da inclusão escolar: a EJA como modalidade propriamente inclusiva e o trabalho com o aluno com deficiência, em nosso caso, um aluno com paralisia cerebral (Ponta Grossa) e outro com deficiência física e visual (Irati), ambos municípios do Estado do Paraná.

Para o trabalho de campo, foram selecionadas duas escolas, atendendo como critério a oferta de turmas da Educação de Jovens e Adultos na fase I do Ensino Fundamental onde estão matriculados alunos com necessidade de atendimento especial de inclusão, em duas cidades, a saber: a) Ponta Grossa/PR considerada de médio porte, e b) Irati/PR, de pequeno porte. Como sujeitos da investigação foram selecionadas uma professora de Ponta Grossa/PR e duas professoras de Irati/PR, estas últimas acompanhadas pela coordenadora pedagógica, por disponibilidade e por trabalharem na EJA por mais de 10 anos, bem como professores que atuam lecionando, tanto na modalidade da EJA, quanto com um aluno PcD (Pessoa com Deficiência)¹ dentro da modalidade em questão.

Com essa escolha, se torna possível depreender a inclusão em duas dimensões: tanto a inclusão do sujeito com deficiência, quanto a inclusão dessas mesmas pessoas dentro da própria modalidade da EJA, que por sua vez já se constitui como um processo inclusivo, o que caracteriza mais um critério da nossa escolha por esses participantes e estas escolas.

¹ Nomenclatura atual para Pessoas com Deficiência, segundo Portaria 2.344, de 3 de dezembro de 2010, da Secretaria de Direitos Humanos

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)
Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa

Em Ponta Grossa/PR a entrevista teve uma pergunta inicial e norteadora que foi: “Quais as adaptações necessárias para o atendimento do aluno com deficiência na EJA? ”. A partir deste questionamento, outras perguntas surgiram sobre o trabalho desenvolvido e as metodologias adotadas para a atuação no trabalho docente, visto que para a efetivação do processo ensino-aprendizagem é exigido do profissional docente o entendimento de que, para ensinar o aluno adulto, se fazem necessárias estratégias metodológicas distintas, porque um público específico, ou seja, especial.

Já em Irati/PR, a entrevista foi desenvolvida de uma maneira diferente: foi levada uma pergunta norteadora e as professoras em questão pensaram a educação inclusiva na EJA em conjunto. Com este método, o papel do entrevistador visa provocar e manifestar a livre discussão acerca do tema proposto. Seguindo esta técnica de constituição de grupo focal, o entrevistador assume a função de dinamizador, já os sujeitos entrevistados refletem sobre o tema e em conjunto pensam e repensam sua prática pedagógica, projetando métodos e debates que acreditam ser pertinentes para estes alunos incluídos.

3. Resultados e discussões

3.1 Universo: Escola de Ponta Grossa/PR

3.1.1 Verbalização livre e inicial sobre a atuação da professora dentro da EJA, especificamente sobre o trabalho junto ao aluno com deficiência, na tentativa de perceber alguma possível informação que talvez fugisse às perguntas estruturadas

A professora de Ponta Grossa iniciou falando sobre o seu trabalho com “Beto”, demonstrando visível carinho não só pelo seu trabalho, mas para com o aluno, nos explicando que o conhece desde os quatro anos de idade, pois, desde esta idade até os doze anos o atendia na Associação Pontagrossense Assistência à Criança com Deficiência (APACD). Mais tarde, o reencontrou na atual escola da presente pesquisa, no ano de 2013, aos 28 anos de idade. Segundo

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)*Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa*

relato da professora, Beto é um aluno extremamente lúcido, educado, perceptivo, preocupado e atento a tudo. Gosta de falar sobre ele, sua mãe e o irmão (também PcD e tece comentários que muitas vezes chegam a surpreender colegas e professoras.

Ela ressalta que Beto expressa querer aprender a ler e escrever para fazer um curso no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e morar em Curitiba com a mãe e o irmão para não depender mais da ajuda do pai, cuja única participação é o auxílio financeiro. Por essa razão, a escola deduz que Beto deixa de frequentar as aulas na época da prova, pois segundo a professora, ele não aceita passar para outra etapa sem aprender a ler e escrever. Ainda segundo a professora, Beto é um aluno que fala facilmente sobre muitas coisas. Que, por exemplo, assiste na televisão ou escuta alguém falar, mas quando precisa fazer isso de maneira formal durante as aulas, o mesmo reage demonstrando nervosismo e insegurança. Fica claro nas falas da professora o compromisso e o afeto constante pelo trabalho que desenvolve, reafirmando que uma das características da EJA é o acompanhamento e a dimensão afetiva, o “*correr atrás*” dos alunos quando começam a faltar, o que acontece ainda mais com o Beto por conhecê-lo desde tão pequeno e a facilidade em manter contato com a família do aluno. Ela mesma reitera que é preciso ter zelo e muito gosto pelo trabalho, tanto com a EJA quanto com o aluno incluso.

3.1.2 Sobre a trajetória escolar deste aluno e sua participação nas atividades realizadas em sala de aula

A professora entrevistada conheceu Beto aos quatro anos e até os 12 o acompanhou na APACD. Posteriormente, como professora da EJA, o reencontrou, já com 28 anos. Confessa que durante esse tempo após reencontrá-lo não sentiu evolução significativa na leitura e escrita do aluno, porém percebe que em sua socialização e comunicação houve melhora.

Segundo a entrevistada, Beto normalmente participa das aulas, demonstrando maior interesse dependendo do assunto. Gosta sempre de comentar algo que assistiu na televisão ou vivências da sua família. Às vezes acontecia de Beto não participar, dias estes em que chegava

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)*Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa*

medicado, ficando um tanto desatento em sala, sem conversar ou interagir como costuma fazer. A professora comentou que algumas adaptações com Beto eram necessárias, como um lápis mais grosso que ela confeccionou com ajuda de fita crepe para que ele conseguisse segurá-lo e o auxílio de outros materiais feitos para pessoas com deficiência, como, por exemplo, o teclado com colmeia, além da atenção sensível e afetuosa. Também foi exposto que, pelo fato mesmo de Beto conhecer a professora desde muito pequeno e ela ter sido sua professora auxiliar, o aluno muitas vezes demonstrava ciúme para com outros colegas, querendo atenção exclusiva da professora para ele. No início alguns colegas não entendiam, pois na EJA os outros alunos e alunas, ainda que adultos, também necessitam constantemente da atenção da professora, mas que com o tempo seus colegas foram entendendo melhor a situação.

3.1.3 Sobre as expectativas da família em relação a este aluno

Em relação à família (neste caso a mãe), demonstra-se preocupada e nem um pouco é alheia à educação de Beto, inclusive procura com certa constância a professora em questão para auxiliá-la ou comunicar algo necessário. Apesar de a mãe preocupar-se e querer que o filho continue a frequentar a EJA, às vezes acontecia de ela não arrumá-lo para ir à escola, pois passava por algumas crises depressivas e havia dias que ela se deixava abater. Segundo a professora, Beto ainda transparecia nervoso quando não podia ir às aulas, ou mesmo quando tomava os remédios, alegando “[...] *como posso aprender se tenho que ir assim todo medicado, pareço um drogado*”. É como se Beto por vezes incentivasse mais sua mãe (nesses períodos) do que a mãe ao próprio filho.

3.1.4 Sobre a relação com a Secretaria Municipal de Educação (SME)

A relação com a Secretaria, segundo a professora, ocorre de maneira saudável, pois afirma que todas as vezes que precisou de auxílio foi atendida. Fala também que tem autonomia, especialmente quando precisava resolver situações inesperadas e que mesmo assim tinha o hábito de informar toda atitude tomada por acreditar que devia repassar ou perguntar a SME.

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)*Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa*

Em relação aos materiais didáticos entregues para a EJA, afirma serem muito bons para trabalhar com os alunos e alunas bem como para com Beto. Em outro momento ao passar pela sala de aula da EJA tivemos contato com o aluno e ele nos contou, nervoso, que a prefeitura não estava mais disponibilizando as fraldas gratuitamente para ele. Quando questionado se foi conversado com a assistente social, o mesmo relatou que ela estava vendo com a Secretaria Municipal de Saúde, mas que segundo informações talvez não recebesse mais por já possuir um benefício por conta da pensão concedida pelo pai.

3.1.5 Sobre a relação com a equipe gestora

A professora se mostrou muito satisfeita com a relação que possuía com a equipe gestora, enfatizando mais a presença da diretora, pois como as pedagogas trabalhavam apenas no período da manhã e da tarde, não tinham muito contato com a EJA. A entrevistada relatou também que a diretora não apenas deixava as professoras utilizarem os materiais sem demais restrições e burocracias, como também chegava a assumir de bom grado as turmas quando necessário, além de passar extrema confiança nas professoras da EJA, que sempre presentes colaboravam e mantinham diálogo aberto e constante.

3.1.6 Alguns pontos positivos

Entre os aspectos positivos a professora reforçou a qualidade e disponibilidade dos materiais, que muito ajudavam e não faltavam na escola, além do auxílio da SME, tanto neste sentido, quanto no sentido de auxílio ao trabalho docente. Além da ótima relação com a gestão/diretora, também retratou o fato de, ali naquela escola, não existir muitos problemas nem mesmo no que tange aos alunos (indisciplina, drogas, brigas, roubos e etc.) expondo também que para ela é muito gratificante o trabalho na EJA e com o aluno Beto; um trabalho “muito realizador”. A professora aponta que os alunos e alunas a enxergam como alguém que está ajudando-os a conquistar algo que desejam muito (ler e escrever) e depositam nela essa confiança; que a relação com eles vai além de uma relação estanque, mas se mostra cheia de alegrias, conquistas e trocas.

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)*Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa***3.1.7 Algumas dificuldades**

Quanto ao trabalho na EJA em geral, a entrevistada expôs que a desistência entre os alunos desta modalidade é grande, pois são adultos que, em função mesmo de outros afazeres com casa e trabalho, acabam abandonando os estudos. Citou por exemplo a época do frio, na qual alguns já deixam de comparecer; outros pelo cansaço do emprego ou afazeres domésticos, outros pelo desânimo ou quando estão com fome ou com a roupa suja ao sair do trabalho, ou, ainda, em função de problemas pessoais. Chega a citar ainda que alguns dos alunos vão às aulas da EJA para poder se alimentar. Mencionou que tudo isso gera uma rotatividade alta de alunos. Com o Beto, mais especificamente, a dificuldade que ela vê é o grau da deficiência do aluno, pois ele quer fazer um curso técnico no SENAI, porém as restrições causadas pela paralisia cerebral são grandes. Além disso, sente falta de uma equipe mais coesa (psicólogos, fisioterapeutas e médicos) que pudessem auxiliar esses alunos deficientes com mais frequência. Por último, expõe o que diz respeito à mãe, que quando conseguiu o direito de usar o Ginásio dos Deficientes e assim ter outros acompanhamentos de especialistas não aceitou levar o Beto. Entretanto, em relação a isso, a professora reforçou que muitas vezes é por falta de meio de transporte ou também quando a mãe se encontra em depressão. Beto utiliza uma cadeira de rodas grande, que já vem com uma mesa acoplada, dificultando o transporte.

3.1.8 Finalização: anseios e outros pareceres

A professora diz que por mais que o aluno da EJA já traga consigo uma bagagem de vida, ainda assim ele tem o desejo de estar ali para aprender. Enfatizou a humanidade necessária para se trabalhar não só na docência e na EJA, mas também com todos, independentemente de seu grau de dificuldade. Além disso, é preciso persistência, dedicação e afeto. Ressalta que não é pelo fato de serem adultos que eles não precisam de afeto, pelo contrário, justamente por serem pessoas adultas têm seus problemas e inclusive a formação de muitas opiniões e gostos. Portanto, eles não aceitam ir à aula para não aprender, pois o aluno da EJA tem muita vontade de aprender e se descontenta quando se sente lesado de alguma maneira. Eles querem ser

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)

Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa

escutados. Qualquer idade quer isso. Então é preciso criar um laço afetivo forte e respeitar a individualidade e a dificuldade destes alunos. Eles têm opinião própria e uma alta reciprocidade de respeito quando sentem que são respeitados. E isso acontece em relação ao Beto também. Para ela, é um trabalho muito gratificante.

3.2 Universo: Escola de Irati/PR

3.2.1 Verbalização das professoras de forma livre sobre a inclusão na EJA. Desafios e dificuldades encontradas com o aluno. Adaptações necessárias para o atendimento do aluno com deficiência na EJA

Em Irati, iniciou-se a conversa a partir do trabalho com um aluno de trinta e seis, e que destes, passou vinte e cinco na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e atualmente frequenta a EJA. Não foi autorizado pela equipe docente e nem pelo aluno que seja utilizado seu nome, por isso optamos em conferir o nome fictício de Neto.

Na conversa com as professoras, foi exposto o cotidiano do aluno na escola e todas as atividades por ele realizadas, bem como aquelas que Neto necessita de auxílio para realizar. O aluno em questão está incluído na turma sem um acompanhamento especializado que não seja o da professora. Foi relatada a sua história e como ocorreu sua inclusão, além da menção sobre os vários tratamentos pelo qual o mesmo passa.

O referido aluno possui deficiência física e visual. Por vezes é desatento e devido alguns problemas na aprendizagem requer uma atenção diferenciada, como a utilização de letras maiores, por exemplo, para que consiga melhor enxergá-las. Existe uma dificuldade no entendimento da fala desse aluno devido às suas deficiências. Possui também dificuldades com seu pai e como precisa de tratamentos a escola lhe oferece auxílio.

Informaram-nos que o aluno trabalha na venda de sorvetes, mas não consegue realizar operações, cálculos simples, o que dificulta muitas vezes o seu próprio trabalho. A escola também auxilia este aluno em várias questões pessoais, tais como aposentadoria e questões

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)*Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa*

familiares, sendo ressaltado pelas professoras que ele recorreu à escola como um refúgio. Aqui podemos novamente apontar a importância da dimensão acolhedora, afetiva e sensível que precisa partir tanto do lado da escola como da atuação do(a) professor(a). É importante ressaltar que todos os alunos e alunas merecem a devida atenção dentro do espaço escolar, e que dentro da EJA, que já se trata de uma modalidade delicada pelo aspecto da inclusão, somado ao acolhimento de um aluno com deficiência, essa atenção e zelo não podem jamais serem esquecidas e descartadas.

A escola contribui com a inclusão social e de integração deste aluno na sociedade, facilitando o acesso às questões médicas e familiares. Quando questionamos as professoras sobre a relação do aluno com os demais colegas, elas relataram que o mesmo possui um relacionamento bom, porém às vezes sofre *bullying* de outro colega, o que causa surpresa já que este tem uma idade mais avançada. Neste momento, quando se falou a respeito do *bullying*, as professoras relataram que não acontece apenas com os alunos que possuem alguma deficiência, mas também com os demais discentes, o que dificulta alguns trabalhos de inclusão desses alunos e idosos na escola.

A sala onde o aluno em questão está inserido é composta por um grupo heterogêneo de alunos, sendo esta turma a primeira etapa da EJA, na qual todos os alunos possuem alguma dificuldade na aprendizagem, já que aqueles que não têm uma deficiência aparente são idosos que sentem dificuldades para acompanhar o processo de aprendizagem. A diferença no nível da aprendizagem dos alunos torna isso um desafio muito grande, porque alguns aprendem em ritmo muito lento. Segundo as professoras, uma sala “normal”, convencional, já possui diferentes níveis do processo de ensino e na EJA isso fica ainda mais evidente.

A diferença e a vivência dos alunos são levadas em conta durante a discussão de determinados conteúdos, partindo muito dos conhecimentos que já possuem. As professoras relatam ainda algumas atividades extracurriculares e culturais que para estes alunos é uma maneira de aprender alguns conteúdos para além da sala de aula. Nesse relato elas demonstram alguns momentos onde os alunos transpareceram certo estranhamento durante as saídas, pois

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)

Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa

segundo as professoras, eles são muito resistentes a coisas novas e estratégias mais diferenciadas de ensino, conferindo crédito às estratégias mais tradicionais de ensino.

Durante a entrevista com as professoras, foi dado um exemplo do desenvolvimento de uma aula da EJA a qual trabalhou a partir das cantigas de roda, que era de conhecimento de todos(as) e que por meio dessas cantigas as professoras puderam auxiliar na escrita e na formação de frases. Neste ponto, as professoras começaram a relatar as vivências dos alunos, apontando que por a EJA se tratar de um grupo pequeno, estes alunos interagem de maneira familiar, mais fraternal. Elas clarificam com o exemplo de dois alunos, que estão na EJA há bastante tempo e acabam servindo de referência e auxílio para os demais. Muito se falou dessa ajuda entre os alunos. Isso partiu do momento em que uma professora falou que o aluno se espelha e se ampara em alguns alunos mais velhos.

Ao serem questionadas sobre os problemas por elas encontrados no trabalho com estes alunos, a coordenadora fala que são propostas palestras, atividades que trabalham a autoestima e cursos profissionalizantes, todos acompanhados por assistentes sociais.

Por fim, elas apontam que estes alunos são inseridos no cotidiano da escola, os quais eram excluídos e agora estão inclusos, presentes e ativos no cotidiano escolar, destacando o quanto é gratificante o trabalho na EJA e como elas sentem que seu trabalho é realmente importante e faz diferença na vida destas pessoas.

Freire (1987, p. 38), ao afirmar que “a práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” e que “sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido”, evidencia que o ato educativo é orientado para a tomada de decisões e este exercício vem da prática de uma responsabilidade social e política.

4. Considerações finais

Percebe-se que a complexidade de ser um professor da inclusão não está somente em ser professor, mas sim em ser um profissional que tenha a sensibilidade de perceber que o ser humano está inserido em um mundo complexo em que a cultura, o afeto e a vida em sociedade

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)*Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa*

podem conduzir diversos caminhos da existência. Assim, no decorrer deste relato buscamos apresentar uma dimensão duplamente inclusiva, a inclusão do aluno com deficiência dentro de uma modalidade por si só inclusiva, a EJA.

Pensando nas diferenças existentes no campo educacional das quais o professor tem sido o agente responsável na busca de soluções que possam atender tais desafios, Gallo (2002), ao discutir uma *educação menor* como ato de militância, nos faz refletir a sala de aula como espaço a partir do qual traçamos estratégias e produzimos para além das políticas educacionais, no qual todo ato adquire um valor coletivo, e o educador, ao assumir seu papel como militante, estará escolhendo sua atuação para si e para aqueles com os quais irá trabalhar, visto que não há ação solitária, pois que é uma ação que implica em vários indivíduos, num exercício de multiplicidades e reciprocidades.

Carvalho (2006) corrobora com essas reflexões quando aponta que o atendimento educacional destinado às pessoas com deficiência, tem ocorrido de forma empobrecida. Ainda com esta análise a autora retoma a concepção recorrente de que a pessoa com deficiência não aprende, a qual tem se legitimado nos espaços de escolarização, incluindo a EJA. Ou seja, a repetição tanto de conteúdos curriculares sem fins pedagógicos, ocasionando a longa permanência nesta modalidade educacional, reproduzindo apenas a posição que até recentemente lhes foi imposta “[...] nas classes especiais, nas classes comuns, nas escolas especiais: a posição de quem não aprende” (CARVALHO, 2006, p.169).

Dessa forma, torna-se evidente a necessidade que o professor assuma uma postura reflexiva de alguém que analisa rigorosamente a sua prática por meio de um pensar epistemológico que não dispensa a emotividade, uma vez que nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheia, de um lado, do exercício da criatividade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica. E, de outro lado, ao recordar Freire (1996), sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. Como afirma Tardif (2002, p.149), o professor “[...] é alguém que

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)

Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa

deve habitar e construir seu próprio espaço pedagógico de trabalho de acordo com limitações complexas que só ele pode assumir e resolver de maneira cotidiana”.

Trabalhar com o aluno da EJA nessa perspectiva inclusiva exige que o professor acredite em mudanças e que não pode ensinar apenas a ler e escrever, mas que é preciso haver uma mudança de paradigma e transmitir esperanças, abrir caminho para a criticidade e as situações que o cotidiano envolve. O professor tem que ter alegria e transmitir isso aos alunos. Nas palavras de Freire (2002, p. 80):

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos, juntos, podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana.

Esse aspecto foi bastante percebido na fala da professora entrevistada em Ponta Grossa, retratando um alto comprometimento e veemente alegria no trabalho que realiza, não apenas na modalidade da EJA, mas também com o aluno PcD dentro da EJA, a quem conhece há mais de vinte anos. Tardif (2010, p.38-39) ressalta “os próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados”.

Tal como Freire (1987, 1996, 2002) deixou em seu legado, a aproximação da postura pedagógica de humildade, de escuta, respeito, confiança, diálogo, estabelece na ação educativa um ato amoroso, que nos permite a reflexão do ato como compreensão da prática como ação para a libertação, e o sentido de amoroso como sempre referiu-se ao bem-querer, à confiança e à reciprocidade.

Ao se propor essa pesquisa com o objetivo de ampliar o conhecimento das ações realizadas com relação à inclusão do educando com deficiência na modalidade da EJA diante

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)

Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa

dos desafios encontrados no atendimento desse aluno, foi surpreendente a forma como o processo de diálogo aconteceu em ambas as escolas investigadas.

Foi notória a participação dos profissionais envolvidos bem como a naturalidade percebida nos relatos das práticas desenvolvidas com os alunos da EJA. A princípio, foi pensado em seguir certa formalidade de apresentação e sequência dos questionamentos a serem feitos, porém já no início do diálogo pôde-se perceber que estávamos contribuindo também para reflexões individuais a respeito do tema proposto, pois as professoras começaram a sua fala de forma natural sem aguardar um questionamento mais estruturado, o que demonstrou não apenas grande receptividade como o gosto pelo trabalho que realizam.

Vale lembrar o fato das professoras de Irati estabelecerem um diálogo inclusive entre elas mesmas – não apenas para com os entrevistadores – a respeito das questões que envolviam a EJA e de certa maneira causavam preocupação em ambas. A importância deste momento se dá quando se percebe que o pesquisador pode instigar novas reflexões da prática desenvolvida no campo pesquisado.

Outro aspecto que podemos destacar, tanto do caso de Ponta Grossa, quanto do caso e Irati, seria que em ambos os casos temos profissionais que fazem um trabalho onde correspondem além de suas funções previamente postas, são indivíduos que enxergam na sua prática uma forma de acolhimento e aceitação, além do ato de ensinar, ampliando muito mais a relação professor aluno, entendemos isso dentro de um dos preceitos encontrados nos escritos de Paulo Freire, onde o autor chama nossa atenção mostrando que ensinar não é somente a transmissão de conhecimentos, mas como Freire (2002, p.35) coloca :

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não apenas o cronológico, O velho que preserva sua validade que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo.

Estar aberto a experiências que tirem essas professoras do habitual fazer da sala de aula mostra um desejo para ir além dentro de suas práticas, entender aquela diferença e pensar

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)

Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa

maneiras de trabalhar com aquele indivíduo, e como o autor coloca, com ele encarar tanto o velho como o novo, ver aquele educando e buscar meios de fazer com que aquele conhecimento que ele está aprendendo lhe seja útil, e como acompanhamos no caso de Irati, existe um desejo por inserir esse novo, por fazer como que os educandos compreendam o conhecimento das mais variadas formas, mas que esses mesmo assim, muitas vezes possuem uma resistência, validando a tradição pela qual muitas vezes a prática escolar é conhecida, e mesmo com esse obstáculo as professoras tentam trazer algo diferente para o ensino inclusivo da modalidade EJA, ou seja, tomam um risco.

Esses riscos assumidos em inovar suas prática e também manter aquilo que está dando certo com seus alunos, mostra uma postura bastante aberta e reflexiva destas profissionais, no caso de Ponta Grossa vemos uma docente que mesmo possuindo um vínculo com o uma temporalidade maior, ainda busca compreender os novos desafios postos com esse aluno, e reconhecendo os problemas que ainda precisam ser resolvidos e a progressão que aconteceu nesse tempo, no caso de Irati acompanhamos professoras em estágio avançado em suas carreiras, mas que demonstram uma constante reflexão sobre seu papel na vida de cada novo sujeito que surge em sua sala, e em cada mudança ocorrida em educandos já veteranos, por isso Freire (2002, p.38) ressalta que “ensinar exige crítica sobre a prática” e o autor ainda pontua que:

O pensar certo sabe, por exemplo, que não é a prática dele como um dado, que se conforma a prática docente crítica, mas sabe também que sem ele não se funda aquela. A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (FREIRE, (idem, p.38).

Toda essa reflexão, tanto através do diálogo proposto durante a entrevista, bem como a constante preocupação no como ensinar, e em toda a prática crítica do próprio trabalho, mostra profissionais em constante movimento sempre se adaptando as necessidades de cada educando presente, não somente aqueles mencionados na entrevista, mas todos os que habitam naquele ambiente, com essa reflexão esses profissionais estão abertos aos desafios e riscos diários

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)

Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa

presentes no seu fazer pedagógico, a reflexão crítica de sua prática é o primeiro passo para uma mudança estrutural e efetiva na construção dos saberes com seus alunos. Para Tardif (2010, p.49, grifos do autor),

[...] no exercício cotidiano de sua função, os condicionantes aparecem relacionados a situações concretas que não são passíveis de definições acabadas e que exigem improvisação e habilidade pessoal, bem como a capacidade de enfrentar situações mais ou menos transitórias e variáveis. Ora, lidar com condicionantes e situações é formador: somente isso permite ao docente desenvolver os *habitus* (isto é, certas disposições adquiridas *na e pela* prática real), que lhe permitirão justamente enfrentar os condicionantes e imponderáveis da profissão.

Consta na fala destas professoras um desejo tácito por mudança e a crença de que sua prática pode mudar a vida daqueles sujeitos. Elas compreendem como o público-alvo de seu fazer pedagógico é diverso e exige saberes diferentes que motivam a mudança de agir em seus alunos, uma vez que, como aponta Freire (2002, p.79, grifos do autor):

É a partir deste saber fundamental: *mudar é difícil mas é possível*, que vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de jovens e adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão-de-obra técnica.

Nesta proposta de estudo em contextos diferenciados a fim de aprofundar as discussões sobre a atividade inclusiva na EJA, é possível notar as semelhanças e as diferenças no atendimento desses alunos com deficiência na EJA. Os alunos que serviram de referência no relato das professoras foram incluídos nestes contextos e possuem necessidade de uma ajuda diferenciada e tratamento específico de acordo com a sua dificuldade e não apenas aqueles que possuem deficiência, mas todos eles parecem transmitir alguma necessidade, também porque alunos de uma modalidade que *per si* já é um processo de inclusão, a EJA.

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)*Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa*

Nestes dois relatos é possível perceber que a EJA tem suas especificidades próprias, em sua concepção e em sua finalidade, uma prática inclusiva em si mesma, como meio e como fim. A turma da EJA tem como seu público alunos que não concluíram seus estudos na idade regular ou que não obtiveram sucesso na época regular e que optam pela retomada ou início do processo de alfabetização, já que muitas vezes foram desprovidos disso durante sua trajetória escolar, daí a primeira característica inclusiva.

Estes alunos, em especial os dois estudados durante a pesquisa, possuem uma trajetória escolar composta de várias instituições especializadas para atendimento de pessoas com deficiência e encontram mais tarde uma nova oportunidade na EJA mesmo com toda dificuldade de adaptação por conta das carências de formação, de espaço e adaptação.

A disposição e interesse dos alunos e dos docentes são mencionados em ambos os relatos. São alunos que possuem vários objetivos e ambições e buscam na escola uma esperança de resgate e oportunidade de encontrar as possibilidades para tal realização. Também são perceptíveis as dificuldades específicas desta modalidade na prática docente com estes alunos, os quais já possuem vivências muito ricas, visto que muitos são trabalhadores(as) ou até mesmo aposentados(as) que há muito se afastaram dos bancos escolares. Isto exige da escola um preparo maior sobre diferentes aspectos de acessibilidade e um olhar mais atento sobre todos os alunos, que em suas especificidades requerem outros recursos para fazer com que eles compreendam os temas propostos, recursos materiais e outros – realmente – humanos.

Freire (2006, p.30), a respeito da importância de se exercer a consciência, ressalta sobre a necessidade de ter clareza sobre o aspecto dialético da educação, onde: A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica.

É importante ressaltar que apesar das adversidades de ambas as realidades, os relatos terminam enaltecendo os aspectos positivos do trabalho desenvolvido na EJA, destacando o quanto é gratificante o trabalho docente com estes alunos que mesmo com todo conhecimento

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)

Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa

acumulado ao longo de sua vida ainda acreditam ser possível aprender mais e melhorar sua condição de vida.

Outro aspecto relevante é quanto às expectativas desses educandos inclusos em relação a EJA, visto que ambos possuem um desejo de aprender. Neste sentido, segundo Bolívar (2002), aprender para um adulto com experiência de vida não é apenas integrar em esquemas de significado já dados; é informar, mudar as concepções existentes do significado da vida de cada um, adquirindo, então, novos significados ou confirmando os já existentes. Portanto,

A Educação de Jovens e Adultos apresenta-se como questão ampla e complexa que não será resolvida apenas em nível de decisões governamentais, mas exige o engajamento de todas as pessoas que acreditam no potencial humanizador e transformador da educação, oportunizando a inserção crítica e participativa dos seus usuários nos destinos da sociedade (SCHAFRANSKI; TEBCHERANI; OLIVEIRA, 2006, p. 43).

Nesse contexto, se pode notar a importância dos princípios do diálogo e da investigação dentro de uma perspectiva coletiva e emancipatória do processo de aprendizagem destes alunos, o que requer da formação dos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos sensibilidade, dar voz a estes alunos, pois dessa forma será possível conhecer um pouco da sua cultura e por meio dessa prática cumprir o papel da escola na formação mais humana, bem como ser *locus* da socialização dos conhecimentos.

Nas palavras de Freire (2007, p. 86):

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer.

A partir dos princípios freireanos, acreditamos no docente capaz de empregar a ação educativa humanizada, que permite ao educando ser agente, sujeito participante e portador de grandes vivências, e faz da sala de aula espaço de diálogo. É em função desses pressupostos

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)

Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa

que a construção da escola proporciona uma educação que os indivíduos possam ir se aperfeiçoando ao longo da vida, uma educação capaz de ouvi-los, participar dessa realidade com a perspectiva da possibilidade de mudança.

O ato de ensinar envolve a sensibilidade do professor, uma consciência coletiva, principalmente do educador da EJA em acolher esses educandos em suas diversidades, respeitando-os e valorizando-os, a fim de que esses alunos possam se sentir realmente como membros participantes da comunidade escolar, algo que foi facilmente identificado no relato das professoras. Dialogar com os dados apresentados e as discussões que existem no campo educacional permite aproximar-se do tema e avançar na ampliação do conhecimento diante das provocações ocorridas no contato a campo.

A cada relato apresentado fica evidente a necessidade da constituição de um profissional que possua cada vez mais preparação específica para se trabalhar com a inclusão presente na EJA e almejada pelo aluno com deficiência. É necessário também efetivar atividades daquilo que chamamos de educação continuada ou “permanente”, sem esquecer que estas não substituem a formação específica, mas oportuniza o entendimento da realidade e a possibilidade de enxergá-la com outros olhos, exercitando a práxis.

Contudo, pudemos inferir que além da formação inicial e continuada há a necessidade dessa formação humana e não somente o trabalho sobre os conteúdos escolares e a necessidade das adaptações necessárias, mas também sobre a relevância dos aspectos afetivos na vida escolar dos alunos, pois ficou evidente a importância do docente da EJA estar atento e disposto às relações afetivas com esses educandos, com deficiências ou não. A partilha de momentos importantes é um aspecto que faz diferença para o aluno adulto, como afirma Dér (2004, p.75), “conhecer a trajetória da afetividade do aluno permite ao professor adequar seu ensino às necessidades afetivas de seus alunos nos diferentes estágios do desenvolvimento”.

Um profissional reflexivo que esteja disposto a inovar suas práticas e adaptar seu trabalho a partir das demandas encontradas na sala de aula da EJA, mesmo com todas as dificuldades encontradas por meio do investimento da formação desses docentes, pode

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)

Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa

influenciar no desenvolvimento de práticas inovadoras que deem conta dos novos desafios propostos, bem como contribuir com a aprendizagem desses educandos. Não basta apenas insistir em práticas convencionais, mas sim promover momentos de estudos, reflexões, (re)construções e desconstruções de saberes nestes espaços.

Para atuar nestes espaços, a prática docente estará pautada em interações humanas, conforme elucidado por Tardif (2010, p.118):

Ao entrar em sala de aula, o professor penetra em um ambiente de trabalho constituído de interações humanas. As interações com os alunos não representam, portanto, um aspecto secundário ou periférico do trabalho dos professores: elas constituem o núcleo e, por essa razão, determinam, a nosso ver, a própria natureza dos procedimentos e, portanto, da pedagogia.

Santos (2011, p.153), com base em Freire (1987, p.79), destaca que as relações “dizem respeito, especificamente, a uma prática orientada pelo princípio do diálogo entendido como „uma exigência existencial“, vivenciando uma docência afetivamente implicada”. Essa docência considera que os conhecimentos “[...] São saberes integrados às práticas diárias de ensino que são, em grande parte, sobre determinados por questões normativas ou até mesmo éticas e políticas ” de acordo com Tardif (2013, p. 568).

Diante deste panorama depreende-se que a Educação de Jovens e Adultos é vista já como um próprio processo de inclusão dentro do qual não apenas os alunos com necessidades especiais precisam de adaptações, mas todos que ali estão inseridos. Alunos e alunas que, como exposto no decorrer deste estudo, lutam contra diferentes necessidades e dificuldades para poder resgatar um ensino que por algum motivo lhes foi negado.

Freire (1987, 1996, 2006), ao propor uma educação transformadora, uma educação para a democracia pela participação de todos e todas, capaz de gerar mudanças, pensando na realidade do trabalho humano como um ato cultural, afirma que é capaz de se transformar o cotidiano escolar em assunto de todos os envolvidos, da mesma forma que a vida política é assunto de toda a sociedade.

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)*Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa*

Olhar para esta realidade, onde alguns precisam chegar atrasados, outros têm vergonha de chegar com roupas sujas do trabalho, outros vão às aulas para poder alimentar-se e sem isso não aprendem; outros desanimam por problemas pessoais, enquanto outros desanimam quando chega o frio; outro necessita de um lápis adaptado pela professora para poder escrever, um teclado colmeia e figuras concretas; outro de uma letra maior, além de um jeito todo especial de conversar, na medida em que outros gostam de cantigas de roda para conseguir aprender... Tudo isso destaca o valor de ter a sensibilidade necessária, a atenção e o zelo. Também isso é uma adaptação necessária, porque apesar das especificidades de cada um, a atenção e o respeito é o que todos eles querem, e precisam.

A pedagogia de Freire (1987, 1996, 2007) é a expressão do saber sobre a afirmação de que não se ignora tudo, mas que, além disso, não se domina tudo e, portanto, exige humildade de quem ensina e respeito com quem aprende. A presença constante do diálogo, a relevância da formação permanente, resulta na reflexão crítica sobre sua própria prática. Aponta para a atitude atenciosa, os gestos que se traduzem em aspectos que estimulam a construção de sentidos.

Para finalizar, a mensagem que se absorve é que além de fazer adaptações materiais como confeccionar um lápis mais grosso para que o aluno especial possa escrever, ou trabalhar com conhecimentos prévios para que esses alunos vejam sentido no aprendizado, ou, ainda, possuir uma formação inicial, continuada e específica, são necessárias também *adaptações subjetivas*, de caráter humano, um respeito coletivo que leve não apenas os conteúdos de maneira isolada, mas sim o que move a vontade de aprender esses conteúdos, em uma relação de trocas recíprocas entre educador e educando.

Referências

ARANHA, Maria Salete Fábio. *Projeto Escola Viva - Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola - Alunos com necessidades educacionais especiais*, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2000, 96p.

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)

Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa

BOLÍVAR, Antonio. (Org.). *Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola*. Bauru: EDUSC, 2002.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases. *Lei nº 9.394/96*, de 20 de dezembro de 1996.

CARVALHO, Maria de Fátima. Educação de jovens e adultos com deficiência mental: inclusão escolar e constituição dos sujeitos. *Horizontes*, v. 24, n. 2, p.161-171, jul./dez, 2006.

DÉR, Leila Christina Simões. A constituição da pessoa: dimensão afetiva. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda (org.). *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Loyola, 2004.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto Ferreira. Tecnologia educacional e o profissional no Brasil: sua formação e a possibilidade de uma cultura humana. *Revista Tecnologia Educacional*. v. 26, p. 128-135, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3ª ed. São Paulo: Centauro, 2006.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)

Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 27, n.2, p. 169-178, jul./dez. 2002. Acesso em: 12 abril de 2017. Disponível em: <<http://www.seer.ufgrs.br/index.php/educacaoerealidade/article>>.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SANTOS, José Jackson Reis dos. *Saberes necessários para a docência na educação de jovens e adultos*. 2011. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

SCHAFRANSKI, Marcia Derbli; TEBCHERANI, Marisete Mazurek; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva Oliveira. *Fundamentos da ação docente: educação de adultos*. Ponta Grossa: UEPG/ CEFORTEC, 2006.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*, nº. 13, 2000. p. 5-24.

_____. *Saberes docentes e formação profissional*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

_____. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para frente, três para trás. *Educação & Sociedade*. Campinas, v.34, n. 123, abr.-jun. 2013. p. 551- 571.

INCLUSÃO NA INCLUSÃO: a inserção do aluno com deficiência na Educação de Jovens e adultos – um estudo comparado de duas escolas municipais de Ponta Grossa e Irati (PR)
Luana Moraes, Perla Enviy, Geovane Oliveira, Gilmar Cruz e Khaled Omar El Tassa